

Finados, dia 2 de novembro de 2011 - Cemitério da Vila Formosa, zona leste, São Paulo. Participantes: membros do GERM, alunos da disciplina Pesquisa de Campo em Antropologia. Relato e fotos: José Guilherme Magnani

Por solicitação e iniciativa do GERM (Grupo de Estudos da Religião na Metrópole), o NAU patrocinou a segunda expedição etnográfica ao “maior cemitério da América Latina”, o Cemitério da Vila Formosa, no dia de Finados de 2011; a primeira tinha sido em 2008. Encontramo-nos na estação do metrô Butantã, às 9:30 e, dos 25 inscritos, compareceram 18. Em razão da ocupação do prédio da Administração da FFLCH – na esteira dos incidentes com a polícia no *campus*, dias antes – não foi possível contar com ônibus financiado pela Faculdade, de forma que o NAU arcou com o aluguel do micro-ônibus.



Atravessamos a cidade e, às 11:00, quando chegamos ao cemitério, Jacqueline Teixeira, a organizadora da expedição, fez uma preleção, dando alguns dados que havia pesquisado antes, pela internet. Segundo notícias, pela manhã já tinha havido repressão a vendedores de velas, flores e outros objetos, e à atuação dos “enxadinhas” que, munidos desta ferramenta, percorriam o cemitério oferecendo seus serviços para uma limpeza rápida dos túmulos. O horário de encontro para a volta ficou acertado para as 14:00 e a recomendação era para tirar fotos, fazer entrevistas com funcionários, religiosos e visitantes, observar os comportamentos, recolher panfletos.



No início ficamos todos juntos, começando pela observação das “gavetas”, espécie de nichos enfileirados em muros para onde são transladados os restos mortais dos falecidos após quatro ou cinco anos nos túmulos na terra, uma estratégia de reutilização do espaço. Esses muros formam interessantes painéis com as lápides de mesmo formato e material com variações em torno de alguns elementos: o nome e a foto do morto, a data e alguns dizeres, ladeados por imagens estilizadas de N.S. Aparecida, coroa de louros, cruzes, pombas, rosas e até emblemas de time de futebol (os mais recorrentes são do Corinthians e São Paulo, nessa ordem; Palmeiras e Santos mais raramente...).



Logo no começo da caminhada encontramos um grupo de umbandistas diante de um túmulo grande; perguntei a uma iaô se havia algum personagem de destaque ali enterrado e ela me informou que não, era um túmulo vazio, dedicado às almas. Alguns de nós recebemos um rápido passe do preto velho incorporado na mãe de santo e, após algumas fotos, fomos em frente. O cenário para observação era agora constituído pelas variações em torno de um modelo de túmulo ao rés do chão formado por um retângulo de terra sobre o qual são plantadas flores, ervas, arbustos. Numa ponta ficam a cruz ou lápide com o nome, data do falecimento e, na outra, uma

capelinha que abriga as velas: o conjunto forma um canteiro de flores e os arranjos são múltiplos.



Vale lembrar que neste cemitério não há tumbas monumentais, mausoléus, obras de arte e estátuas como se pode apreciar, por exemplo, no cemitério da Consolação ou do Araçá, no centro da cidade. Seria interessante investigar como e quando surgiu esse modelo, tipo jardim ou parque que se contrapõe ao estilo “necrópole”. Nesse ponto da caminhada enveredamos por uma parte só com árvores onde havia vestígios de despachos e entregas característicos das religiões afro-brasileiras e chegamos a um outro segmento também de túmulos de terra, porém mais mal cuidado, com covas abertas, ainda com restos da madeira dos caixões e de panos das mortalhas após o traslado dos ossos para as gavetas. Nessa altura o grupo já havia se dividido: ficamos eu, Lucia, Gabriela, Ana Leticia, Tarsila, Rosenilton, Edilson, Vinicius, (quem mais?) e Carlos que, inadvertida e literalmente enfiou o pé numa cova... Encontramos então o primeiro grupo de bolivianos, com seu estilo característico: núcleo familiar, numa espécie de pic-nic, providos de bebida, pães, bolachas que ofereciam a quem passasse e se dispusesse a fazer uma oração. Fizemos uma volta para alcançar uma rua com gente subindo e descendo; um grupo de umbandistas seguia, apressado. O objetivo era ir até o cruzeiro central pois eu sabia, da outra expedição, que ali se concentravam grupos de diversas religiões. Pergunta daqui, pergunta dali, e nenhuma informação mais precisa. Passamos por uma quadra inteiramente tomada por uma imensa e impressionante fileira de covas abertas, já aliviadas dos corpos que foram para as gavetas e prontas para receber novos e temporários inquilinos.



Um pouco mais ao fundo, um sepultamento em marcha. Na cola dos umbandistas, descobrimos uma recente entrega para Pomba-Gira, ao pé de uma árvore, formada por garrafas de champanhe, outra de cachaça, charutos, rosas vermelhas, pedaços de carne crua com cebola, farofa sobre folhas e pétalas de flores.



De volta à rua, já numa bifurcação, muita gente subindo: era o edifício do velório onde, mais uma vez, perguntamos pelo cruzeiro. Finalmente uma informação mais concreta: o funcionário indicou a cruz que sobressaía no alto de um morro. Em frente, outra família de bolivianos, para alegria da Lucia, a “intercambista” espanhola: *De donde son ustedes?* – e pronto, estava feito o contato. De novo, os umbandistas: desta vez, estavam fazendo um ritual no túmulo de uma menina considerada santa, Débora Conceição de Oliveira. Barbaramente assassinada, segundo o relato de um senhor que assistia à cerimônia, a menina era cultuada por milagrosa: em volta da tumba, inúmeras placas com “agradeço pela graça alcançada”. Não chegamos a ver, se houve, a incorporação da menina pela mãe-de-santo ou algum dos membros do grupo.



Finalmente encontramos o cruzeiro central, ladeado por oferendas, velas, pães; mais giras de umbandistas em ação porém não vimos nenhum grupo católico – parece que as missas ocorreram mais cedo – nem de evangélicos, a não ser alguns crentes distribuindo folhetos. Já pensando na volta, pois eram quase 13:00, atravessamos uma parte só com túmulos de “anjinhos” (em algumas placas aparecia “nati-morto”) recentes, de 2009 para cá, muito bem cuidados, com flores, brinquedos, desenhos com motivos infantis. *Y dále bolivianos!* Difícil mesmo era resgatar a Lucia que vinha carregada com pacotes de bolachas, doces, pipocas. Nesse pedaço encontramos duas moças negras, uma delas com uma criança, indignadas porque alguém tinha colocado velas vermelhas na capelinha do túmulo de seus parentes. Chamaram um “enxadinha” que queria cobrar para limpar e arrancar as velas, coisa de macumbeiro. Assistindo à cena, prontifiquei-me para tirar as velas, ao que elas, evangélicas, agradeceram; mas ficaram reclamando que pagam mensalmente pela manutenção do túmulo e acontece, imaginem, uma coisa dessas. Juntou-se a nós Adriana, a quem um funcionário alertou sobre a questão da segurança durante a semana: assaltantes, em cima de árvores espreitam os visitantes e, de repente, pulam em cima... Retomamos a observação das gavetas com as lápides, ao longo do muro do cemitério, já em direção à saída (ou entrada...), onde estavam a administração, os banheiros e o túmulo do primeiro defunto enterrado naquele cemitério, uma homenagem dos funcionários. Encontramos Jacque e Patrick, do outro grupo e todos concordaram com a ideia de

um descanso e troca das primeiras impressões num bar próximo, em torno de uma cervejinha amiga. Observei ser esta a segunda vez que visitamos o mesmo cemitério; que tal variar? A excursão podia incluir um cemitério judaico, um protestante... O lugar dos mortos e seus rituais constituem um tema clássico na Antropologia e há todo um circuito a ser explorado. Quem sabe entra na agenda do GERM? Ana Letícia lembrou sua visita ao túmulo do Durkheim, em Paris e sugeriu a continuidade da expedição para acompanhar, no centro da cidade, a partir das cinco horas, a “Marcha dos Zumbis”, de uma galera devidamente fantasiada e “animada” sob a consigna “Quem é morto sempre aparece”... Alguém foi?

